



## SEÇÃO: DOSSIÊ MIGRAÇÕES

**A emigração para o Brasil na perspectiva de uma comunidade de origem: testemunhos do Nordeste Trasmontano***Emigration to Brazil from the perspective of a home community: testimonies from Northeastern Portugal**La emigración a Brasil desde la perspectiva de una comunidad de origen: testimonios del Noreste Trasmontano***Manuel Duarte João  
Pires<sup>1</sup>**[orcid.org/0000-0002-1242-5319](https://orcid.org/0000-0002-1242-5319)  
[mdjpires@gmail.com](mailto:mdjpires@gmail.com)**Recebido em:** 2 jan. 2022.**Aprovado em:** 9 maio 2022.**Publicado em:** 23 nov. 2022.

**Resumo:** Os movimentos emigratórios são parte integrante da história contemporânea das comunidades do Nordeste Trasmontano português. Os seus impactos moldaram profundamente a demografia e o tecido socioeconômico e cultural da sua gente. Este estudo pretende compreender o contexto em que ocorreram as últimas ondas de emigração para o Brasil, em meados do século XX, e a forma como as comunidades de origem vivenciavam e interpretavam essa realidade. A metodologia consiste em uma análise qualitativa através de entrevistas realizadas no distrito de Bragança com pessoas que experienciaram, de diferentes formas, o último período de emigração para o Brasil (ocorrido nas décadas de 50 e 60 do século anterior). Defendendo a importância de preservar a memória e promover a história oral, as principais conclusões incidem nas várias particularidades, dificuldades e consequências da emigração para o Brasil em uma comunidade de origem.

**Palavras-chave:** emigração portuguesa para o Brasil; Nordeste Trasmontano; comunidade de origem; história oral.

**Abstract:** Migration flows are an integral part of the contemporary history of the communities of Northeastern Portugal. The impacts of emigration have widely shaped the demography and the socio-economic and cultural fabric of its people. This study aims to understand the context in which the last waves of emigration to Brazil occurred in the mid-twentieth century, and how the home communities experienced that reality. The methodology consists of a qualitative analysis through interviews carried out in the district of Bragança with people who experienced, in different ways, the last period of emigration to Brazil (occurring in the 50s and 60s of the previous century). Sustaining the importance of preserving memory and promoting oral history, the main conclusions address the difficulties and consequences of emigration to Brazil in a Portuguese home community.

**Keywords:** portuguese emigration to Brazil; Northeastern Portugal; home Community; oral history.

**Resumen:** Los movimientos de emigración representan una parte integral y determinante de la historia contemporánea de las comunidades del Nordeste Trasmontano portugués. Los impactos de la emigración moldearon la demografía y el tejido socioeconómico y cultural de estos pueblos. Este estudio pretende comprender el contexto en el que se dieron las últimas oleadas de emigración a Brasil a mediados del siglo XX, y el modo como las comunidades de origen experimentaron e interpretaron estas realidades. La metodología se basa en un análisis cualitativo a través de entrevistas realizadas en un pueblo del distrito de Bragança con algunas personas que vivieron, de diferentes formas, el último período de emigración a Brasil (ocurrido en los años cincuenta y sesenta del siglo anterior). Partiendo de la importancia de cuidar la historia oral y preservar la

<sup>1</sup> Sun Yat-sen University, Guangdong, China.

memoria, las principales conclusiones se centran en las diversas particularidades, dificultades y consecuencias de la emigración a Brasil en una comunidad de origen.

**Palabras clave:** emigración portuguesa a Brasil; Nordeste Trasmontano; comunidad de origen; historia oral.

## Introdução

O presente artigo aborda a questão da emigração para o Brasil na perspectiva das pessoas de uma aldeia situada no extremo Nordeste de Portugal, em Trás-os-Montes. Para as comunidades desta região, a saída para o Brasil a fim de procurar outras condições de vida representou uma realidade que deixou marcas indeléveis no contexto demográfico e social destes povos. Com base em testemunhos orais recolhidos junto a pessoas que vivenciaram as últimas ondas de emigração para o Brasil, nas décadas de 50 e 60 do século anterior, este estudo tem três objetivos: compreender o contexto que conduzia a este destino migratório, analisar como se processava a saída dos seus membros, e abarcar as influências ou impactos que essa mobilidade causava em uma pequena comunidade de origem.

A presente investigação tem também o intuito de preservar a história destes movimentos emigratórios através da história oral, tendo em conta as dificuldades em encontrar documentação escrita sobre esses tempos, sobretudo, no seio das aldeias ou comunidades menores. Nesse sentido, impera recolher e analisar os testemunhos orais das pessoas que viveram essa realidade, uma vez que além de serem em maior número do que a documentação existente, estão em risco premente de se desvanecer à medida que a idade das pessoas dessas gerações vai avançando.

Para preservar a memória histórica e as pessoas que fizeram parte dela, este artigo espera contribuir para colmatar a carência de pesquisas e registos bibliográficos sobre este fenómeno do ponto de vista das comunidades portuguesas de origem (Lobo 2001; Pereira 2009; Scott 2007), bem como afirmar o papel destas populações na construção de estreitas e perenes relações entre Portugal e o Brasil.

## Aspectos da emigração portuguesa para o Brasil no século XX

A emigração portuguesa para o Brasil no século XX fez parte de um contínuo marcado pelo movimento dos povos europeus em busca de melhores condições de vida e das sociedades americanas em expansão que precisavam de mão de obra. De acordo com Pereira (2009, 16), "entre 1815 e 1914 atravessaram o Atlântico em direção às Américas 44 a 52 milhões de europeus". Segundo esta autora, o emigrante europeu escolhia o país ou a região onde as oportunidades, o acesso e a instalação se apresentam mais fáceis ou promissoras. Alguns fatores como o domínio da língua, as relações familiares e os locais enquanto base de apoio, além das condições jurídicas de instalação e de naturalização, constituíam aspetos relevantes na seleção do destino.

Ao entrar no século XX, registraram-se alguns fatores que, na perspectiva de Grangeia (2017), estimularam o fluxo de portugueses para o Brasil, como a crise vinícola do norte de Portugal, a abolição da escravatura no Brasil, que gerou uma intensa procura de mão de obra europeia, e as políticas do governo brasileiro, particularmente convidativas para os emigrantes portugueses. Segundo os argumentos de Lobo (2001), no Brasil os salários eram consideravelmente mais altos e os portugueses poderiam encontrar uma proximidade linguística ou religiosa, deixando para trás um país onde a falta de oportunidades de trabalho, a falta de industrialização e as precárias condições de vida e de saúde pública constituíam uma lancinante realidade. O Brasil apresentava-se como um destino viável em alternativa ao país fundamentalmente agrícola, com uma economia de subsistência e uma industrialização praticamente inexistente que não acompanhava os avanços verificados em vários outros países europeus.

Se por um lado a sangria da emigração representava a incapacidade da economia portuguesa em absorver o esforço dos trabalhadores, por outro lado o Estado continuava a obter grandes vantagens das divisas que os emigrantes enviavam, pois era com elas que ia conseguindo sustentar

o equilíbrio precário das finanças (Serrão 1982; Garcia 1983). As remessas que os emigrantes enviavam do Brasil constituíam importantes fontes de receitas para os cofres do Estado português nas primeiras décadas do século XX.

Na década de 1930 registaram-se algumas oscilações no fluxo de portugueses devido a questões conjunturais como a grande depressão económica mundial de 1929 e algumas medidas restritivas em vigor durante o Estado Novo brasileiro, nomeadamente a política antiemigratória seguida durante o Governo Provisório (1930-1934) para fazer face ao aumento de falências e desemprego (Grangeia 2017; Lobo 2001). No entanto, nas décadas de 40 e 50, voltou a registar-se um aumento de emigrantes devido a medidas governativas que beneficiavam ou favoreciam os trabalhadores portugueses em relação aos de outras nacionalidades (Gonçalves 2009).

O declínio da emigração ocorreu na década de 1960, na qual cada vez menos portugueses optaram por rumar ao Brasil. O movimento emigratório a partir dos anos 60 passou a dirigir-se menos para terras brasileiras e mais para os "países próximos do Mercado Comum Europeu, de onde era mais fácil regressar com algum dinheiro acumulado à custa de muitos sacrifícios" (Garcia 1983, 252). O objetivo de obter fortuna ou ascensão social, esteve presente no imaginário rural português durante mais de um século ligado intimamente ao Brasil. Ao longo de todo o século XX, "as Américas voltaram a ser um destino importante da emigração portuguesa até ao fluxo migratório para a Europa a partir de 1960" (Pereira 2009, 24). O aumento da emigração para a Europa Central no decorrer dos anos 60 e 70, contribuiu para "enfraquecer o movimento transoceânico, acompanhando a tendência global da emigração intra-europeia" (Arroteia 1983, 174) verificada também em vários outros países europeus durante a segunda metade do século XX.

Em relação à origem dos emigrantes no Brasil, sublinhe-se que são provenientes do Norte de Portugal, onde impera o minifúndio, com propriedades de pequena extensão para autossustento que não requerem assalariados, ao invés

do sistema latifundiário, de grande extensão e pertencente a uma única pessoa, que caracteriza o Sul do país (Castelo 2009). Este movimento emigratório envolveu as regiões do Minho, de Trás-os-Montes e da Beira-Alta, de onde partiram os maiores contingentes de emigrantes rumo ao Brasil, mas também, já durante a segunda metade do século XX, para os países industrializados da Europa Ocidental, sobretudo França, Alemanha, Luxemburgo e Suíça (Maia e Monteiro 2015; Salgado 2010).

Em algumas vertentes da expressão artística e da cultura brasileira, é identificável a influência de hábitos provenientes do norte de Portugal, como por exemplo, o nome do famoso *bolinho de bacalhau*. Em Portugal, a forma mais corrente ou difundida, usada nos meios de comunicação, é *pastel de bacalhau*, por ser a que se usa em Lisboa e no Sul de Portugal. No entanto, no Norte do país, tal como no Brasil, ninguém se refere a esta iguaria como pastel, mas sim como bolinho. A influência da gente do Norte na sociedade brasileira pode descortinar-se, inclusive, nos empréstimos linguísticos.

### A história oral e a reconstrução do passado

A escassez de materiais histórico-bibliográficos sobre a emigração nas comunidades portuguesas de origem reforça a importância dos testemunhos e da história oral como fonte de conhecimento e produção cultural. Esta relevância é particularmente significativa no Nordeste Trasmontano onde o decréscimo demográfico e o envelhecimento da população têm sido dos principais desafios que se colocam a esta região.

Através do contacto com a pessoas de uma aldeia que, tal como as outras do interior português, se debate com os designios da desertificação e conta atualmente com pouco mais de uma centena de habitantes, este estudo destaca a importância de recolher um material de fontes primárias e preservar informações originais sobre um acontecimento histórico.

De acordo com Le Goff (2003) a história oral pressupõe a realização de pesquisa histórica

por meio de entrevistas entre um narrador com experiência pessoal de eventos historicamente significativos e um entrevistador informado, com o objetivo de contribuir para o registro histórico. As histórias orais podem ser usadas junto com outras fontes primárias, bem como fontes secundárias, para obter melhor compreensão e visão histórica.

Pelo facto de constituir uma fonte primária, a história oral não se destina a apresentar uma narrativa final ou objetiva, mas reflete a opinião pessoal oferecida pelo narrador e, como tal, tem um carácter subjetivo. A subjetividade é uma das características mais reconhecidas da história oral. Na visão de Penna (2005, 97) a investigação histórica recolhe elementos subjetivos e complexos, os quais "se inserem em um sistema de experiências coletivas, constituintes do grupo ou comunidade". De acordo com Perazzo (2015, 130-131) é um método que permite "compreender as subjetividades, trazendo para a ciência as dimensões dos sentidos, dos sentimentos e das mentalidades", que antes eram apenas dos domínios das crônicas e dos registros literários. Para este autor, a subjetividade da história oral é "o principal elemento de inovação na comunicação" (131).

Na história oral, é conveniente o recurso a um roteiro básico de pesquisa para coleta de depoimentos baseados na temática de um projeto ou na história de vida do depoente. Este roteiro está condicionado a possíveis alterações no decorrer de cada entrevista, tornando-as documentos únicos e dinâmicos. As entrevistas constituem uma oportunidade de aliar avanços da ciência com a capacidade de ponderar sobre o mundo no tempo presente para validar algumas experiências que não estão validadas em documentos escritos (Meihy e Holanda 2007).

A narrativa das entrevistas na história oral deve se basear na experiência do depoente, pelo que grande parte dos pesquisadores prioriza o que contam os idosos, as suas trajetórias de vida, os acontecimentos do seu tempo e a forma como vivem, pensam e sentem essas experiências (Bosi 2003; Perazzo 2015).

A história oral implica um trabalho sobre o

tempo vivenciado, envolvendo as várias dimensões presentes em cada época – sociais, culturais, econômicas, entre outras – e pelo modo como o indivíduo experiencia e interpreta essa realidade. Neste âmbito, Bosi (2003, 17) defende que a memória é um trabalho sobre o tempo vivido e que "lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado."

Este estudo pretende analisar um determinado período histórico, com base em uma visão reflexiva e reconstrutiva do passado, de modo a fomentar a transmissão e a viabilidade da história oral para aprofundar os conhecimentos sobre a emigração para o Brasil desde o Nordeste Trasmontano.

## Metodologia

A metodologia deste estudo funda-se na entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa para coletar dados com interação entre pesquisador e informantes. Segundo Gil (2008), a entrevista possibilita ao pesquisador compreender melhor os aspectos que a sua experiência empírica e os seus conhecimentos teóricos não podem descortinar.

A delimitação temporal dos testemunhos relatados para este estudo situa-se nas décadas de 50 e 60 do século anterior, até 1964, ano em que, segundo os entrevistados, saíram os primeiros emigrantes para "tentar a sorte", na França. A partir de então, com o sucesso da França enquanto novo destino, o paradigma de emigração do povo desta comunidade mudou completamente e o Brasil tornou-se um destino preterido. Como um virar de página, a via marítima do Atlântico deu lugar aos trilhos terrestres pela Europa adentro.

Para este trabalho foram entrevistadas cinco pessoas, todas com mais de 70 anos, que viveram estas experiências durante a sua infância ou juventude. Estes participantes, embora não tenham emigrado para o Brasil, possuem familiares diretos (três dos entrevistados têm irmãos e outros familiares que vivem no Brasil desde então) e indiretos, além de várias pessoas conhecidas dentro da comunidade que atravessaram o

oceano para procurar uma vida melhor, ou seja, foi uma realidade que fez parte das suas vidas durante os anos da sua infância ou juventude e cujas memórias se revisitam para perceber o fenómeno da emigração portuguesa para o Brasil na perspectiva dessa comunidade de origem.

O grupo de entrevistados é composto por três indivíduos do sexo feminino e dois do sexo masculino já retirados da vida laboral, mas que desempenharam funções enquanto professores do ensino primário, polícias e profissionais da saúde. As entrevistas tiveram lugar em Avelanoso, aldeia do distrito de Bragança localizada junto à fronteira com a Espanha, em agosto de 2019. A realização deste estudo teve em consideração o respeito por princípios éticos, nomeadamente, no que concerne à permissão dos participantes para a obtenção de dados, bem como o tratamento deles de forma anónima e equilibrada, de acordo com as boas práticas científicas.

Tendo em conta as teorias de Gil (2008) pode-se considerar que esta pesquisa tem uma dimensão etnográfica por efetuar o estudo de um grupo ou povo através da interação social entre pesquisador e objeto pesquisado. As questões, ou tópicos das entrevistas, foram colocadas de forma aberta e respondidas de forma livre e informal, enquanto o entrevistador anotou as declarações e, posteriormente, organizou as respostas, promovendo uma avaliação global e qualitativa. Neste tipo de entrevistas, uma das partes se apresenta como fonte de informação e a outra parte pretende recolher "informações intensivas centradas num indivíduo ou pequeno grupo que sem limites de tempo ou com ampla liberdade, expõe os seus pontos de vista" (Sousa, Baptista 2000, 81). Os entrevistados trocaram abertamente as suas opiniões sobre os tópicos e as perguntas seguiram um guião semiestruturado para dar liberdade aos entrevistados sem fugir muito do tema. As entrevistas foram realizadas em conjunto, como uma mesa-redonda, tendo sido recolhidas por escrito as opiniões individuais dos informantes, mas também as impressões trocadas em modo de mesa-redonda. Embora alguns entrevistados tenham sido mais partici-

pativos que outros, verificou-se convergência ou concordância relativamente aos argumentos e às informações apresentadas.

As entrevistas seguiram três tópicos principais: primeiro, a realidade ou o contexto em que se vivia, as condições que originavam a decisão de partir com base no quotidiano dessa época; em segundo, os preparativos da emigração, isto é, o modo como as pessoas e a comunidade se preparava para essa nova vida dos seus membros e como vivenciavam essa saída dos seus elementos; por último, o impacto que a emigração para o Brasil tinha nesta comunidade e a imagem que se construía com base na experiência dos seus emigrantes e no retorno à aldeia de alguns desses cidadãos.

Seguidamente, apresentam-se os principais resultados de forma narrativa, citando-se as declarações mais expressivas ou ilustrativas dos entrevistados. De acordo com as boas práticas científicas, preservando o direito ao anonimato dos participantes, estes irão ser referidos segundo as abreviações EO e EA (entrevistados masculinos e entrevistados femininos, respetivamente).

### **O contexto: uma aldeia transmontana em 1950-1960**

O diálogo com os entrevistados sobre os seus tempos de juventude é revelador das dificuldades que as pessoas atravessavam nesses períodos. As aldeias não tinham eletricidade, telefone ou estradas, as pessoas viviam de uma agricultura de subsistência com utensílios e métodos rudimentares, que os informantes dizem ter poucas mudanças em relação aos tempos medievais. A falta de saneamento e de condições de higiene, bem como as distâncias para com os principais meios urbanos, percorridas "a pé ou de burro" (EA1) fazia com que as condições de saúde fossem bastante precárias. Estas condições originavam uma elevada mortalidade entre os recém-nascidos, como é o caso de dois dos participantes neste estudo, que perderam irmãos nessas circunstâncias.

Relativamente à escolaridade, eram raros os adultos que sabiam ler ou escrever e, as crianças,

iam à escola primária da aldeia, mas o contexto de aprendizagem não era o melhor, porque além da precariedade e da severidade dos professores, muitos tinham frequentemente de faltar às aulas para ajudar os pais na lavoura. Outra problemática referida é que os jovens se casavam muito cedo, pois como não havia planejamento familiar, tinham filhos muito cedo (por volta dos 16 ou 17 anos) e complicavam ainda mais a vida: "havia jovens casais que se casavam e não tinham nem uma manta para se agasalhar" (EO1). Estas pessoas andavam descalças, mal agasalhadas e, por vezes, "chegavam a casa e não tinham nada para comer" (EO1). Nesse tempo era comum dormir em palheiros, partilhando o espaço com os animais junto dos quais dormiam para se aquecer.

Um dos informantes afirma que em determinados momentos haveria na aldeia "mais pessoas a pedir esmola porta a porta do que aquelas que poderiam dar" (EO3), principalmente no inverno, quando nevava muito e as pessoas pediam, inclusive, lenha para fazer lume e poder se aquecer. Nesses tempos viviam-se situações muito dramáticas, de uma "miséria franciscana" (EO3) em que os pais precisavam dos filhos para ajudar nas tarefas agrícolas, mas ao mesmo tempo "incentivavam-nos a sair para procurar uma vida melhor" (EO3). Somente depois do 25 de abril [de 1974] e, de forma mais célere, a partir da entrada para a Comunidade Econômica Europeia, em 1986, é que as aldeias do interior começaram a adquirir padrões condignos de habitabilidade.

Tomando como referência o início da década de 60, verifica-se que a taxa de alfabetismo abrangia quase 40% da população portuguesa e a mortalidade infantil registrava valores próximos de 80 óbitos por cada mil crianças, em relação aos 2,4 verificados em 2020, de acordo com a base de dados portuguesa, FFMS (2021). Todas estas dificuldades eram sentidas de modo ainda mais acentuado nas aldeias periféricas do interior português, por isso não seria inusitado que a maioria da emigração portuguesa no Brasil fosse constituída por indivíduos de condição humilde, muito pobres e analfabetos (Grangeia 2017; Serrão 1982). Em um estudo documental

sobre relatos da emigração para o Brasil no distrito de Bragança encontrados em publicações jornalísticas, documentos comerciais e outros textos escritos da época, pode ler-se que essa via "é um meio de fugir à fome, de pôr um dique à miséria" (Salgado 2018, 142).

A análise da literatura produzida nos últimos anos sobre a emigração (e imigração) para o Brasil, bem como os testemunhos destes informantes, atualmente de idade avançada, que assistiram à realidade desses tempos desde as suas comunidades de origem, não deixam dúvidas de que a emigração portuguesa teve como principal motivação a fuga à fome e à miséria. Este é um dos principais resultados que este estudo veicula através da memória oral, pretendendo contribuir para desvanecer ou esmiuçar alguns mitos ou representações que se construíram e foram se cristalizando no seio da sociedade portuguesa. Além de outras conceptualizações que ainda perduram, como o facto de a colonização portuguesa ter sido mais branda ou afável que a perpetrada por outros povos, persiste também a ideia edificada de que a emigração massiva para diferentes destinos ocorrida no século XX, está intimamente ligada ao espírito aventureiro, de exploração e descoberta dos portugueses. Pese embora a dose de coragem e ventura necessárias sempre que se toma a decisão de partir rumo a desconhecidas paragens, as motivações na base da emigração portuguesa têm pouco ou nada de romântica aventura, ou de curiosa descoberta, mas quase tudo de escassez, carência e extrema pobreza que não permitiam às pessoas destas comunidades construir um futuro muito diferente. Neste âmbito, refira-se a frase que os entrevistados mais mencionaram no início do diálogo sobre a emigração para o Brasil, e que serve também de epítome sobre esta temática, a de que "o Brasil matou a fome a muita gente" (EA1). Uma afirmação proferida por quem conheceu e viveu esse Portugal cada vez mais distante (e olvidado) e que sumariza o estímulo na base da emigração portuguesa, espoletada não por livre espírito de aventura, mas essencialmente pela ânsia premente em matar a fome.

## A partida para um mundo distante

Nesta fase, a entrevista percorreu em torno de dois tópicos principais: a preparação para a viagem e os momentos em que as pessoas se despediam dos que partiam.

Primeiramente, foram referidas as "cartas de chamada" (EA1) em que um familiar ou amigo convocava os locais e se responsabilizava pela sua ida, dando-lhe a oportunidade de arranjar um emprego e constituindo uma "firmeza ou apoio para quem partia de tão longe" (EA1). Estes documentos como forma de mobilizar e integrar novos emigrantes (Pereira 2009; Grangeia 2017) serviam de luz verde ou autorização para viajar.

Segundo Costa Leite (1987), conforme citado por Grangeia (2017, 5) "os imigrantes eram portugueses com capital ou crédito, e não os mais miseráveis e desprotegidos", devido aos elevados custos da viagem e aos gastos administrativos com documentação. Com base na análise desta comunidade, este artigo tenta aprofundar estes argumentos do referido autor.

De acordo com os entrevistados, os emigrantes não apresentavam uma condição diferente dos demais populares em uma aldeia em que "pouquíssimas famílias se destacavam" (EO2) em termos de riqueza por possuírem mais propriedades ou, simplesmente, por terem uma profissão com um salário fixo (como era o caso dos guardas ou professores) em uma altura em que o dinheiro "não circulava como hoje e se permutavam géneros" (EO2) como método de pagamento.

O motivo mais determinante para a obtenção de capital, é o de a emigração para o Brasil pressupor, na maioria das vezes, o empréstimo de dinheiro para arcar com as despesas da viagem. Os indivíduos ou as famílias que pretendiam emigrar pediam dinheiro emprestado que depois pagavam ao longo do tempo. Alguns faziam-nos através de familiares ou amigos que lhes pudessem dar parte do dinheiro necessário com condições de pagamento mais favoráveis, enquanto outras recorriam a pessoas externas ao meio familiar que se dedicavam a essa atividade.

Segundo os relatos, havia pessoas que se

dedicavam ao negócio de subsidiar a emigração, emprestando dinheiro e requerendo juros sobre os empréstimos. A existência de "usurários" (EO1) que ofereciam os seus préstimos foi definida pela generalidade dos entrevistados como "bastante comum". Nesta aldeia havia "uma ou outra pessoa que desempenhava esta atividade" (EO1), mas também pessoas de aldeias circundantes às quais era "fácil chegar, pois todos se conheciam por entre estas comunidades" (EO1). Dois dos entrevistados cujos irmãos emigraram no final dos anos 50 e no início dos anos 60, respectivamente, relatam que eles recorreram a esta via para fazer face aos gastos com a viagem. Desde modo, os testemunhos orais parecem revelar que a emigração para o Brasil não requereria maior desafio económico dos indivíduos ou famílias, mas, indubitavelmente, um grande investimento (Lobo 2021) que poderia ser suportado de diferentes formas, frequentemente recorrendo a usurários ou agiotas.

Estes negócios significariam também que os emigrantes teriam de dedicar os seus primeiros tempos de trabalho ao pagamento destas dívidas, noutros casos seriam os familiares que ficavam em Portugal que suportariam esses encargos. Um dos entrevistados conta que o seu pai suportou as despesas de emigração do seu irmão, ficando a saldar essa dívida "durante largos meses" (EO1).

Outro motivo bastante mencionado é que as famílias, antes de partir, vendiam todo (ou quase todo) o património que tinham. Por um lado, porque precisavam financiar a viagem e, por outro, porque não faziam questão de regressar. Nessa altura, as distâncias e os custos das viagens eram incomparáveis com os dias de hoje. As famílias vendiam todo o seu património como casas, propriedades e demais pertences. Um dos participantes afirma: "quando partia uma família inteira, faziam-se grande negócios, porque vendiam tudo o que tinham" (EO2). Este fator alterava também o estatuto económico de algumas famílias que ficavam na aldeia, porque adquiriam estes bens a preços bastantes modestos. Aproveitando a urgência dos emigrantes se desfazerem das suas coisas para juntar dinheiro, algumas pessoas fi-

zeram negócios muito vantajosos e melhoraram bastante a sua condição social adquirindo o patrimônio das famílias que partiram para o Brasil. Noutros casos, as famílias vendiam apenas uma parte do seu patrimônio e "deixavam o restante ao cuidado de tutores" (EO2). Estes tutores tinham autorização para vender as suas terras (caso os emigrantes necessitassem de dinheiro) ou cuidar delas se um dia os donos voltassem para ficar. No entanto, reforçam, praticamente todos os emigrantes no Brasil "acabaram ao longo do tempo por vender tudo o que tinham por cá" (EO2).

Os testemunhos dos momentos em que as famílias abandonavam a aldeia são bastante impactantes. Tal como Grangeia (2017) refere, a emigração familiar ganhou espaço à emigração individual no século XX, sobretudo nas décadas de 50 e 60. Talvez por isso, as pessoas recordam melhor a saída das famílias, pois seria mais marcante que a saída de habitantes de forma individual.

Neste ponto do artigo apresentamos os testemunhos de duas entrevistadas que guardam memórias muito vívidas do dia da partida de famílias para o Brasil (no final dos anos 50), embora à data tivessem sensivelmente 11 ou 12 anos e 8 ou 9, respetivamente. A primeira parte da viagem até Lisboa era feita a pé até um local chamado Trapo, que distava 8 ou 9 km da aldeia e onde estava a paragem da camioneta que levaria as pessoas até Bragança para lá apanharem o comboio. É esse percurso que demorava cerca de uma hora e meia a duas horas que as participantes recordam.

Uma das entrevistadas lembra a partida dos tios e primos. A família que ia para o Brasil viajava em uma carroça de tração animal na qual tinham posto umas "sacas cheias de palha" (EA1) para que fizessem esse percurso de forma mais confortável. Os familiares, amigos e outras pessoas da aldeia juntavam-se para os acompanhar. O ambiente era triste, pesado "como num funeral" (EA1) e havia um homem adulto que chorava muito alto e gritava: "adeus mãe de todos! adeus mãe de todos!" (EA1). Era uma família com muitos irmãos e sobrinhos e "um desses familiares que

ficava por cá" (EA1) dirigia-se à matriarca da família dessa forma. Muitas pessoas iam todo o caminho "chorando e gritando" (EA1), despedindo-se da aldeia onde haviam nascido.

O segundo testemunho de um momento de partida é similar, embora a entrevistada não tivesse uma relação familiar com que os partiam. Essa outra viagem até ao lugar onde se encontrava a paragem de camioneta é descrita como uma "longa e silenciosa procissão" (EA2), onde todos iam a pé, e com muita gente da aldeia, "novos e velhos" (EA2), a despedirem-se da família que partia:

Se calhar é mais fácil hoje ir ao espaço ou à lua, do que naquele tempo ir para o Brasil. Cada vez que ia uma família para o Brasil parecia uma procissão. Íamo-nos despedir deles como se fosse um funeral. Gente da aldeia, novos e velhos a despedirem-se das famílias. A aldeia desmembrava-se, eram famílias inteiras. Não só nesta, mas em todas as aldeias do concelho e na vila [Vimioso, capital de concelho]" (EA2).

Depreende-se por estes testemunhos que são memórias bastante impressionantes e emotivas, motivo pelo qual perdurarão vividamente até hoje na memória destas duas senhoras.

Ainda no âmbito da viagem para o embarque na cidade de Lisboa, depois de apanharem a camioneta até Bragança, as famílias iam de comboio até Lisboa (tinham de trocar de comboio na Régua e depois no Porto) em uma viagem que poderia demorar um dia inteiro.

Outro fator pertinente abordado é que no decorrer da viagem os emigrantes eram também vítimas de roubos ou burlas em Lisboa ou no Porto. Uma entrevistada conta que tinha uma irmã mais velha que vivia à data no Porto com o marido, ambos da aldeia, e que lhe relatavam situações em que os conterrâneos eram roubados ou burlados por carteiristas ou embusteiros que se dedicavam a surripiar os aldeões. Esta informante conta um episódio de uma família que "na sua viagem a caminho de Lisboa para embarcar para o Brasil" (EA2) fora enganada e ficara sem todo o dinheiro que levava. Quando essa família fazia escala no Porto, aguardando o comboio que a levaria para Lisboa, fora enganada pelos

locais. Os membros dessa família foram alvo de uma burla ou logro, em que falsos agentes ou funcionários alertavam (caluniosamente) para o pagamento de determinado documento ou bilhete para poderem seguir viagem, ludibriando estas pessoas e aproveitando-se da humildade ou inocência de quem "nunca tinha saído da aldeia e não fazia a mínima ideia de como era a vida fora dos seus meios rurais" (EA2). Segundo a informante, esta família procurou o casal que se encontrava no Porto para os ajudar monetariamente, uma vez que haviam perdido todo o seu dinheiro às mãos dos burlões.

Os emigrantes trasmontanos, por vezes, perdiam parte ou a totalidade do seu dinheiro ainda em território nacional, antes sequer de iniciar a viagem para o Brasil, o que revela a oportunidade que estas pessoas representavam para os cidadãos menos escrupulosos, bem como a dimensão das atribulações e da ingenuidade ou despreparação que caracterizava estas pessoas. A este propósito, retêm-se as palavras de um dos participantes ao afirmar que "as pessoas eram sábias na vida delas, a lutar pela vida, a sobreviver, mas fora do contexto da aldeia eram absolutamente ignorantes" (EO1).

Todos estes obstáculos, "riscos e abusos" (Lobo 2001, 19) em várias frentes que os emigrantes enfrentavam são demonstrativos da perseverança em perseguir o sonho de uma vida melhor em um mundo distante. Essas qualidades de esperança e resiliência, certamente influíram também na capacidade de estas pessoas trabalharem, vingarem e contribuírem ativamente para a sociedade brasileira.

### A imagem da emigração para o Brasil

O diálogo com os(as) entrevistados(as) denota que a emigração para o Brasil está associada a uma imagem de pouco sucesso ou retorno para a aldeia porque os emigrantes desta comunidade não alcançaram um grande relevo ou destaque socioeconômico nem contribuíram significativamente para o desenvolvimento da comunidade. Tal como Bosi (2003) refere sobre o processo de reconstrução que a história oral veicula, é

notório que a imagem que se formou sobre os emigrantes no Brasil foi elaborada em comparação com as posteriores vagas de emigração para França (além de Alemanha e Suíça), para onde se dirigiram a maioria dos indivíduos e famílias desta comunidade.

Os(as) participantes revelam que os primeiros homens da aldeia a emigrarem para França fizeram-no em 1964. Com o advento da emigração para a Europa, onde os salários eram muito altos, os emigrantes do Brasil passaram a ser vistos como os menos bem-sucedidos, pois não enviavam remessas para a aldeia e, muitas vezes, não conseguiam amealhar o suficiente, tendo, por isso, de vender todos os seus bens na comunidade de origem. Ao contrário dos emigrantes na França que em pouco tempo começavam a construir casas e a comprar propriedades na aldeia, aumentando (e ostentando) a sua fortuna, os emigrantes no Brasil, pelo contrário, vendiam tudo o que lhes restava na aldeia, principalmente pequenas propriedades. Este desapego ou desligamento da aldeia (provavelmente por não terem intenções de regressar) e o facto de precisarem fazer dinheiro com os poucos bem que haviam deixado para trás, criava no imaginário da aldeia uma ideia de vencidos da emigração ou de emigrantes que "não conseguiam alterar significativamente a sua condição socioeconómica" (EO1).

A emigração para o Brasil na sua última fase, entre o final dos anos 50 e primeira metade da década de 60, passou a ser vista pela comunidade como uma opção mal conseguida e um "destino pobre" (EO3) em comparação com a França, onde os trabalhos desempenhados, as dificuldades atravessadas e as condições de vida muito precárias seriam "quase as mesmas" (EO3), mas em que a recompensa econômica era absolutamente incomparável.

Um dos entrevistados conta que no ano de 1966 se encontrava a trabalhar em uma exploração agrícola no Sul de França, enquanto o seu irmão mais velho, que havia emigrado para o Brasil três anos antes, trabalhava em uma roça perto de São Paulo. Este informante adianta que

“em França ganhava quase dez vezes mais do que o irmão” (EO1) que, posteriormente, conseguiu entrar na área do comércio, começando por ser “empregado de um talho” (EO1), ou açougue, e depois tornando-se dono desse mesmo estabelecimento.

As pessoas desta aldeia eram pessoas de “muito trabalho físico, mas sem grande vocação para negócios” (EO1). Como refere este participante “tudo o que tinham para oferecer era mão de obra não-qualificada e uma vontade enorme de trabalhar” (EO1). Ao contrário de alguns emigrantes que já eram empresários e comerciantes em Portugal e criaram grandes fortunas no Brasil (Maia e Monteiro 2015), não houve ninguém desta comunidade que tivesse obtido um extraordinário destaque socioeconômico. O perfil socioprofissional destas pessoas, habituados aos exigentes trabalhos rurais, assim como o período econômico do Brasil, que já não seria o mais profícuo no contexto da massiva emigração europeia, poderão justificar o desempenho socioeconômico menos expansivo destes emigrantes. Os poucos emigrantes que de “tempos a tempos vinham à aldeia, não demonstravam grande sinais de riqueza” (EA2), à exceção de um senhor que vinha com alguma regularidade e costumava andar adornado com “anéis e roupas muito vistosas, mas que com o passar do tempo vendeu o que lhe restava e deixou de vir” (EA2).

Não consta que os emigrantes brasileiros tivessem feito qualquer investimento ou construído patrimônio nesta aldeia, pelo contrário, “vendiam o que lhes restava e levavam o dinheiro para o Brasil” (EA2). O único contributo que os informantes recordam foi o de uma família que mandou construir um nicho dedicado a Nossa Senhora de Fátima junto ao bairro onde anteriormente viviam. Outras situações referidas, como a de um homem que foi para o Brasil e construiu outra família, deixando a mulher e os filhos na aldeia “a passar grandes dificuldades” (EA1), também podem ter contribuído para essa imagem menos bem sucedida.

## Considerações finais

Este artigo teve como objetivo compreender o contexto social que levava as pessoas a emigrar para o Brasil e analisar o impacto dessa mobilidade na aldeia fronteiriça de Avelanoso. De acordo com os testemunhos recolhidos nesta pequena comunidade do Nordeste Trasmontano, a derradeira fase de emigração para o Brasil ocorrida em meados do século XX, concretamente nas décadas de 50 e 60, era interpretada como um destino migratório longínquo onde dificilmente se conseguia prosperar ou enriquecer. Tendo em conta a concepção algo quimérica, frequentemente elaborada pelas comunidades de origem, de que os seus emigrantes devem regressar demonstrando opulência ou uma melhoria muito significativa das condições de vida, verificamos que esse entendimento não existia nesta fase decadente da emigração para o Brasil, embora houvesse uma ou outra família que se enquadrasse nesses abastados parâmetros como exceções que confirmariam a regra.

A emigração para o Brasil era sinónimo de um desligamento definitivo com a aldeia porque as pessoas vendiam os seus bens e se despediam dos seus familiares, uma vez que os investimentos feitos para a viagem e a abissal distância que o Atlântico representava, à época, não permitiam o regresso com facilidade. Ao contrário da posterior emigração para França, a ida para o Brasil era um risco ou uma jornada sem regresso, uma vez que as pessoas aplicavam as suas economias nesse empreendimento do qual dificilmente poderiam regressar. Devido a esse carácter definitivo ou irrevogável, uma das memórias mais impressionantes relatadas pelos entrevistados são as fortes emoções sentidas nas despedidas de quem partia, nas quais a população se juntava em vigília para acompanhar os seus membros uma última vez.

As pessoas da aldeia interpretam a emigração para o Brasil, nessa fase final, como um destino pouco atrativo ou com poucas possibilidades de sucesso para as suas gentes muito trabalhadoras, mas com reduzida formação escolar ou espírito empreendedor. Contudo, algumas famílias não deixavam de correr o risco e tentar a sua sorte

nessa jornada, guiadas pela esperança de melhores condições de vida e, sobretudo, pela fuga à indigência e à pobreza acentuada que caracterizavam o quotidiano das comunidades do Nordeste Trasmontano. Nesta perspectiva, é também importante realçar que a memória histórica da emigração para o Brasil, passou posteriormente a ser vista e interpretada em comparação com a emigração para os países da Europa central que, no caso desta comunidade, se iniciou por alturas de 1964 (para França, principalmente) e representou o fim definitivo da via transatlântica.

A derradeira fase de emigração para o Brasil passou a ser vista ainda mais como um destino pouco atrativo, devido à prosperidade exponencial que os emigrantes da França facilmente alcançavam. Nesse país, os trabalhos não qualificados permitiam obter salários exponencialmente maiores do que em Portugal, permitindo uma célere acumulação de riqueza e o envio de capitais para a comunidade de origem. A proximidade física permitia aos emigrantes regressar com regularidade, construir as suas próprias casas e, assim, alterar o perfil arquitetónico, aumentar o perímetro habitacional e trazer desenvolvimento para as aldeias. Ao passo que a emigração para França se traduziu em uma expressiva melhoria económica da vida dos seus indivíduos e, consequentemente, da comunidade de origem, a emigração para o Brasil trouxe poucos contributos de relevo para a aldeia, além da saída massiva das suas gentes em busca de uma vida melhor.

A emigração tardia para o Brasil foi determinante para muitas famílias originárias da aldeia de Avelanoso superarem a fome e poderem construir um futuro profícuo. No entanto, para o quotidiano da comunidade de origem analisada neste estudo, os proveitos da emigração para o Brasil foram reduzidos ou inexistentes.

### Futuras investigações

No seguimento do presente artigo, defende-se que são necessários mais estudos sobre os impactos e as influências que os movimentos migratórios transatlânticos produziram nas comunidades de origem portuguesas. Persiste

ainda um grande desconhecimento, inclusive no seio das comunidades que mais sentiram esta realidade, sobre este fenómeno que deixou marcas profundas no plano demográfico, social e económico destas populações.

As memórias vivas deste peculiar período histórico encontram-se a desvanecer e a breve prazo apagar-se-ão completamente, razão pela qual é pertinente recuperar e grafar estes pedaços da nossa história coletiva, da nossa vida. Para tal, é determinante encetar um trabalho em cooperação que envolva as instituições académicas e etnográficas, bem como as autoridades e os moradores locais para abordar e registrar a história das comunidades mais recônditas.

O Portugal pós-moderno e pós-União Europeia tem ainda constrangimento, por vezes embaraço, em falar do seu passado, sobretudo quando lhe recorda miséria, agruras ou dificuldades. Neste sentido, entende-se que sentir-se bem consigo próprio, enquanto povo, passa por abordar as suas feridas e tratá-las sem mágoa ou desconforto, como parte da sua narrativa, em uma perspectiva de reflexão e aprendizado com as venturas e infortúnios que compõem o seu percurso de vida. No caso do Nordeste Trasmontano, uma vida de trabalho, de força e pertinência, e de constante resiliência para superar as contrariedades que fizeram e que fazem parte da identidade dos seus lugares e das suas gentes.

O ditado popular trasmontano diz que "a necessidade é a mãe das artes" e foi precisamente desses tempos de penúria e necessidade que, de um lado ao outro do Atlântico, brotou a arte e o contributo para solidificar e corporizar indelévelmente a interação, a fraternidade e os laços de união entre dois países irmãos.

### Referências

Arroteia, Jorge. 1983. *A emigração portuguesa: suas origens e distribuição*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Bosi, Ecléa. 2003. *O tempo vivo da memória. Ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Castelo, Cláudia. 2009. "Migração ultramarina: contradições e constrangimentos". *Ler História* 56: 69-82.

Lobo, Eulália. 2001. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec Editora.

Garcia, José Manuel. 1983. *História de Portugal: uma visão global*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença.

Gil, António Carlos. 2008. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas.

Gonçalves, Maria. 2009. *Migrações e desenvolvimento*. Porto: CEPESE/Fronteira do Caos.

Grangeia, Mário. 2017. "Memórias e direitos na imigração portuguesa no Brasil do século XX". *História* 36: 1-20.

Le Goff, Jacques. 2003. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp.

Maia, Fernanda, e Monteiro, Isilda. 2015. "Impactos da emigração portuguesa para o Brasil no norte de Portugal – finais do século XIX e inícios do XX." *Navegar* 1 (1): 122-49.

Meihy, José Carlos, e Holanda, Fabíola. 2007. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Editora Contexto.

Penna, Rejane. 2020. "Percurso Historiográfico e fontes orais: elementos para uma discussão." *Unimontes Científica* 7 (1): 95-106.

Perazzo, Priscila. 2015. "Narrativas Oraís de Histórias de Vida." *Comunicação & Inovação*. 16 (30): 121-31. <https://doi.org/10.13037/ci.vol16n30.2754>.

Pereira, Miriam. 2009. "A emigração portuguesa para o Brasil e a geo-estratégia do desenvolvimento euro-americano." *Ler História* 56: 15-25. <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.1925>.

FFMS. "Portugal, População, Óbitos e Esperança de Vida". *PORDATA – Estatísticas, gráficos e indicadores de Portugal e Europa*. Acessado em 17 jun. 2021. <https://www.pordata.pt>.

Salgado, Maria Cordeiro. 2010. "A emigração do distrito de Bragança para o Brasil no século XIX (1884-1890)." In *Entre Mares: O Brasil dos Portugueses*, organizado por Fernando de Sousa, 130-144. Belém do Pará: Paka-Tatu.

Salgado, Maria Cordeiro. 2018. "A emigração portuguesa para o Brasil, no contexto das grandes migrações europeias: o caso do Distrito de Bragança." Tese de doutorado, Universidade Lusíada do Norte.

Sousa, Maria José, e Baptista, Cristina. 2000. *Como fazer investigação. dissertações, teses e relatórios - segundo Bolonha*. 3. ed. Lisboa: Edições Lidel.

Serrão, Joel. 1982. *A emigração portuguesa: sondagem histórica*. 4. ed. Lisboa: Livros Horizonte.

Azevedo, Vanessa; Carvalho, Margarida, e Fernandes-Costa, Flávia. 2017. Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. *Revista de Enfermagem Referência* 4 (14): 160-167.

Scott, Ana Volpi. 2007. "A imigração portuguesa para o Brasil a partir de uma perspectiva microanalítica." *História Unisinos* 11 (1): 118-22.

## Manuel Duarte João Pires

Doutor em Português Língua Estrangeira pela Universidade de Lisboa, em Lisboa, Portugal. Professor da Universidade de Sun Yat-sen, em Cantão, China.

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.*